



## LEVANTAMENTO DE ÁREAS DESMATADAS NA PORÇÃO NOROESTE DA ESTAÇÃO ECOLÓGICA JURÉIA-ITATINS/SP.

AZEVEDO, T. N.; FERRAZ, S.F.B.; PAGANI, M.I.

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus Rio Claro Instituto de Biociências, Departamento de Ecologia. Av 24 A, n° 1515. Bela Vista. Rio Claro SP.1- thaisnicia@yahoo.com.br

### INTRODUÇÃO

Um dos biomas mais afetados no Brasil e que ainda sofre com os impactos da ação antrópica é a Mata Atlântica. Até o século XIX, a grande cobertura florestal deste bioma estendia-se ao longo da costa brasileira, com aproximadamente um milhão de quilômetros quadrados de superfície (SÃO PAULO, 1996). No século XX, principalmente nas últimas cinco décadas, um acelerado processo de devastação teve lugar, graças à intensa atividade agropastoril, industrial e urbana, que reduziu a vegetação original a menos de 8% de sua extensão original. (MAMEDE et al, 2004).

Uma das grandes ameaças para a conservação da biodiversidade é a redução e fragmentação do hábitat das espécies, causadas principalmente pela mudança na cobertura do solo, afetando as relações entre as populações, que ficam mais susceptíveis a doenças, invasões de espécies exóticas, e até mesmo a incêndios.

Uma das estratégias para conservação de espécies em larga escala é a criação de Unidades de Conservação (UC). Essas áreas são legalmente protegidas e têm a finalidade de conservação e preservação da biodiversidade e dos recursos naturais. A criação de Unidades de Conservação foi um passo importante para garantir a preservação de algumas porções da Mata Atlântica. (PRIMACK; RODRIGUES, 2001).

Mesmo protegidas por lei, muitas Unidades de Conservação acabam sendo invadidas e sofrem com a caça ilegal, extração de palmito e desmatamento. Um exemplo de uma UC ameaçada por estas atividades, é a Estação Ecológica Juréia-Itatins/SP, que é uma das maiores Unidades de Conservação do sudeste do Brasil (80.000 ha) e tornou-se símbolo para a preservação da Mata Atlântica (MARQUES ; DULEBA, 2004). Esta área possui usos incompatíveis com os objetivos de uma Estação Ecológica, tais como ocupação ilegal de terras, por comunidades consideradas tradicionais e não tradicionais, cultivo de banana e abertura para

visitação pública. Como consequência, a Estação Ecológica foi reorganizada em um Mosaico de Unidades de Conservação (LEI Nº 12.406, de 12 de dezembro de 2006), constituído por Parques, Reservas de Desenvolvimento Sustentável, Refúgios de Vida Silvestre e áreas que se mantiveram como Estação Ecológica. No entanto, mesmo constituindo este Mosaico, problemas com os desmatamentos não foram solucionados, sendo que a maioria deles ocorre na região noroeste da UC e tem como finalidade a plantação de banana. Grandes áreas já foram desmatadas e o processo ainda ocorre, suprimindo a vegetação natural de Mata Atlântica. O processo de desmatamento consiste no plantio da banana no sub-bosque da floresta natural, e após sua derrubada a terra passa a ser considerada produtiva. Neste caso, a legislação dificulta a retirada dos invasores, os quais alegam posse da terra, produção de subsistência e ausência de condição financeira para pagamento das multas aplicadas, gerando uma condição de impunidade.

Uma alternativa para conter este processo depende do mapeamento das áreas desmatadas da UC para identificar as principais variáveis físicas e antrópicas que influenciam a ocorrência de novos desmatamentos, com objetivo de aumentar a fiscalização das áreas mais susceptíveis.

### OBJETIVOS

O presente trabalho visa levantar, analisar e quantificar as áreas desmatadas na porção noroeste da Estação Ecológica Juréia-Itatins/SP, e relacionar fatores antrópicos e do ambiente físico com a localização dos desmatamentos.

### MATERIAL E MÉTODOS

Foram utilizadas fotografias aéreas do ano de 2001 (em formato digital) cedidas pelo Instituto Florestal (IF-SP). Estas foram interpretadas com o auxílio do software ArcView 3.2 GIS. A escala utilizada para analisá-las foi de 1:10000. Na

fotointerpretação, buscou-se delimitar polígonos onde a vegetação nativa foi removida, sendo que as áreas demarcadas foram checadas em campo para identificação do tipo de ocupação do solo.

Para cada polígono identificado e verificado em campo, calculou-se a área e perímetro. Estas áreas desmatadas foram agrupadas em 4 diferentes classes de tamanho. Classe 1: áreas com até 1ha, classe 2: áreas de 1 a 5ha, classe 3: áreas de 5 a 50ha e classe 4: áreas maiores que 50ha.

Sendo assim, utilizando análise estatística zonal, relacionou-se a localização de cada classe de área desmatada, com os fatores físicos: altimetria, declividade do terreno, e fatores antrópicos: proximidade de estradas e centros urbanos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram mapeados 75 polígonos referentes a desmatamentos identificados, que correspondeu no total de 6.675,07ha de área desmatada, cerca de 20% da área analisada. Dos polígonos desmatados, 21,33% estavam na classe 1 (até 1ha), 46,67% na classe 2 (1 a 5ha), 21,33% na classe 3 (5 a 50ha) e 10,67% na classe 4 (maior que 50ha). Nota-se que a classe 2 é a predominante entre os polígonos mapeados, indicando que há desmatamentos recentes nesta UC e se enquadram na categoria de áreas de produção de banana.

A análise da relação entre as áreas desmatadas e os fatores físicos demonstrou que as maiores áreas desmatadas estão localizadas em regiões planas de menor altitude. Isso porque os terrenos planos e suavemente ondulados são os mais adequados para o cultivo da banana, visto que facilitam o manejo da cultura, a colheita e conservação do solo, além de propiciarem colheita de produtos de melhor qualidade. Nos pequenos desmatamentos nas áreas de maiores altitudes e declividades, a cultura de banana também ocorre, mas com propriedades menores, principalmente em estágio inicial de instalação.

Já em relação aos fatores antrópicos, observou-se que todas as áreas maiores que 5 ha estão diretamente ligadas às estradas, mostrando que estas áreas já estão estabelecidas a algum tempo. Por outro lado, áreas menores que 5ha, localizam-se nas proximidades de estradas, mas acessadas por trilhas, mostrando que possivelmente são áreas de desmatamento recente. Estes resultados comprovam que mesmo em uma Unidade de Conservação, as estradas influenciam na ocorrência de desmatamentos, exatamente porque dão acesso a estas áreas.

## CONCLUSÃO

O tamanho das áreas desmatadas evidencia a presença de diferentes tipos de ocupação, ocorridas em diferentes épocas, incluindo desmatamentos recentes. A topografia do terreno influencia a ocorrência de desmatamento dessas áreas, visto que áreas mais planas e de menor altitude são melhores para o plantio de banana. O desmatamento dessas áreas está diretamente ligado à presença antrópica, principalmente ao acesso facilitado do homem a estes locais através das estradas.

(Os autores agradecem ao Instituto Florestal de São Paulo pelo fornecimento das fotografias aéreas utilizadas e à direção da Estação Ecológica Juréia-Itatins pelo apoio no trabalho de campo).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAMEDE, M.C.H.; et al. 2004** Mata Atlântica, p. 115-132. In: Marques, O.A.V.; Duleba, W. (Ed), **Estação Ecológica Juréia-Itatins. Ambiente Físico, Flora e Fauna.** Ribeirão Preto: Holos, p 115-132.
- MARQUES, O.A.V.; DULEBA, W. 2004** **Estação Ecológica Juréia-Itatins. Ambiente Físico, Flora e Fauna.** Ribeirão Preto: Holos,. 384p.
- PRIMACK, R.B.; RODRIGUES, E. 2001** **Biologia da Conservação.** Londrina: edição. 398p.
- SÃO PAULO, 1996** Secretaria de Estado de Meio Ambiente -SMA. **Atlas de Unidades de Conservação Ambiental do Estado de São Paulo. Parte I - Litoral.** São Paulo: Secretaria de Meio Ambiente, Secretaria de Energia, CESP. 30p., 7 mapas.